

# Acontecimento, paixões e formas de vida em “O zelador”, de Menalton Braff

(Event, passions and forms of life in “O zelador” by Menalton Braff)

Flavia Karla Ribeiro Santos<sup>1</sup>, Vera Lucia Rodella Abriata<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup>Mestrado em Linguística – Universidade de Franca (Unifran)

flaviakarlar@hotmail.com, vl-abriata@uol.com.br

**Abstract:** Through the theoretical framework of French semiotics, this paper analyzes the short story “O zelador” by Menalton Braff. The text reveals the trajectory of a lonely man who works as a janitor in badly preserved and inhospitable villages and who longs for a promotion which would make him ascend to another social class, the middle class. Suspecting his dog Ego had entered his house and stolen some meat from the fridge, he kills his friend and companion, an action that would result in him not getting the promotion he had longed for. Our aim is to analyze the way cholera and revenge are manifested in the text, both of which are results of an event that bursts upon the narrative, caused by the submission resulting from the janitor’s form of life. On the other hand, considering the dog’s name, Ego, we observe how the enunciator dialogues with the Freudian discourse.

**Keywords:** French semiotics; event; passion; form of life; dialogue.

**Resumo:** Este artigo analisa o conto “O zelador”, de Menalton Braff, com base no referencial teórico da semiótica francesa. O texto relata a trajetória de um homem solitário que trabalha como zelador de vilas mal conservadas e inhóspitas e almeja uma promoção que o levaria a ascender a uma outra classe social, a classe C. Ele mata o cão Ego, seu amigo e companheiro, por suspeitar que este entrara em sua casa e roubara a carne da geladeira, acontecimento que o privaria de alcançar a promoção almejada. Nosso objetivo é analisar o modo como se manifestam no texto a cólera e a vingança, paixões resultantes de um acontecimento que irrompe na narrativa, ocasionado pela forma de vida da submissão aos regulamentos, assumida pelo zelador. Por outro lado, considerando o nome do cão, Ego, observamos o modo como o enunciadador dialoga com o discurso freudiano.

**Palavras-chave:** Semiótica francesa; acontecimento; paixão; forma de vida; diálogo.

## Introdução

Neste artigo, propomo-nos a analisar o modo como a cólera e a vingança, paixões que se manifestam no conto “O zelador”, de Menalton Braff (2006), surgem como consequência de um acontecimento resultante da forma de vida da submissão do zelador, ator protagonista do texto, às normas sociais que o levam à desumanização. Partimos da hipótese segundo a qual após um acontecimento, o desaparecimento de uma provisão de carne da geladeira do zelador, pelo qual ele responsabiliza seu cão Ego, inicia-se o dispositivo passional da cólera, que se desdobra na paixão da vingança. Essa manifestação patêmica, por sua vez, está associada à desumanização do ator resultante de sua forma de vida submissa aos regulamentos da firma em que trabalhava. Tal submissão é tão intensa que o leva a matar o cão, seu amigo e companheiro, quando percebe que o roubo da carne o impediria de alcançar a ascensão de classe social, desejo que há muito alimentava.

Aplicamos ao texto a noção de acontecimento, de acordo com os preceitos de Claude Zilberberg (2007, 2011), e as fases do percurso patêmico da cólera, estabeleci-

das por Jacques Fontanille em *seu Dictionnaire des Passions Littéraires* (2005) e por Algirdas Julien Greimas em seu texto “De la colère” (1983). Utilizamos também o conceito de forma de vida, sistematizado por Greimas no dossiê “Les formes de vie” (1993). Além disso, observamos o modo como o enunciador dialoga com o discurso freudiano, tendo em vista o antropônimo com que denomina o cão, Ego.

Observamos, portanto, o modo como um acontecimento, o roubo da carne, conduz o zelador às paixões de malevolência, a cólera e a vingança, que culminam na morte de Ego, operada pelo zelador que, ao longo do texto, assume a forma de vida da submissão aos regulamentos de modo tão intenso que o faz ser violento contra o outro, o cão, anteriormente considerado amigo e companheiro.

Inicialmente faremos referência aos conceitos de acontecimento, paixão e forma de vida em semiótica, para, posteriormente, empreendermos a análise do texto.

### **Forma de vida: um estudo sobre o comportamento em semiótica**

O conceito de forma de vida se origina em Semiótica no *Seminário de Semântica Geral*, ocorrido na École des Hautes Études en Sciences Sociales, intitulado Estética da ética: moral e sensibilidade. Em 1993, como resultado desse evento, um dossiê, integralmente dedicado à noção de forma de vida, é publicado na revista *Recherches sémiotiques. Semiotic inquiry*. Nesse periódico, Greimas (1993, p. 33), aludindo ao conceito de forma de vida, observa que ele pode ser definido para o observador “por sua recorrência nos comportamentos e no projeto de vida do sujeito, por sua permanência, [...] pela deformação coerente que ela induz a todos os níveis dos percursos de individuação”: níveis sensível e tensivo, passional, axiológico, discursivo e aspectual, etc.

No artigo “Les formes de vie”, publicado no mesmo documento, Fontanille (1993, p. 5-6) define as formas de vida como “configurações em que uma ‘filosofia de vida’ se expressaria por uma deformação coerente do conjunto de estruturas que definem um projeto de vida”. Essa definição corrobora a afirmação de Greimas e ainda a complementa, na medida em que o semioticista francês considera que “as formas de vida têm origem em uma práxis enunciativa, porque elas se formam e se desfazem pelo uso, são inventadas, praticadas ou reveladas por ‘instâncias enunciantes’, coletivas ou individuais”.

No caso do conto “O zelador”, entendemos que a submissão, como forma de vida do ator, é **recorrente no comportamento do sujeito** e induz a uma deformação no seu percurso de individuação, uma vez que o leva a praticar a **violência contra o outro**, como observaremos a seguir na análise do texto.

### **A noção de acontecimento**

Zilberberg (2007) elabora o conceito de acontecimento, à luz da semiótica tensiva, e o distingue do conceito de fato. Para o semioticista,

[...] o fato tem por correlato intenso o acontecimento, o que equivale dizer: o fato é o resultado do enfraquecimento das valências paroxísticas de andamento e de tonicidade que são as marcas do acontecimento. Em outras palavras, o acontecimento é o correlato hiperbólico do fato, do mesmo modo que o fato se inscreve como diminutivo do acontecimen-

to. Este último é raro, tão raro quanto importante, pois aquele que afirma sua importância eminente do ponto de vista intensivo afirma, de forma tácita ou explícita, sua unicidade do ponto de vista extensivo, ao passo que o fato é numeroso. É como se a transição, ou seja, o “caminho” que liga o fato ao acontecimento se apresentasse como uma divisão da carga tímica (no fato) que, no acontecimento, está concentrada. (ZILBERBERG, 2007, p. 16)

Em “Centralidade do acontecimento” (ZILBERBERG, 2011, p. 168-169), o autor caracteriza o acontecimento como “algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo”. Todavia, o tempo não pode ser impedido de retomar o seu curso, e o acontecimento se potencializa, primeiramente na memória, depois com o tempo na história, tornando-se inteligível e legível.

Além disso, o acontecimento, assim como o exercício, não ocorre apenas na concentração ou na divisão da carga tímica do sujeito, pois a relação entre o sujeito e o seu campo de presença, onde agem as grandezas tensivas, é mediada pelos modos semióticos (ZILBERBERG, 2007, p. 16). Nesse sentido, é importante ressaltar que o acontecimento é constituído por três tipos de modos: modos de eficiência, modos de existência e modos de junção, que comportam o sobrevir para o modo de eficiência – equivale ao inesperado –, a apreensão para o modo de existência – correspondente à ausência de reação do sujeito diante do sobrevir – e a concessão para o modo de junção em que um programa considerado irrealizável se realizou (ZILBERBERG, 2007, p. 16-24).

Para o autor, no acontecimento, “o sujeito se vê em conjunção com um sobrevir que transtorna e por vezes suprime a duração e a espacialidade. [...] O sobrevir do acontecimento anula a própria textura do tempo, isto é, a “virtude” potencializante da temporalidade [...]” (ZILBERBERG, 2011, p. 189). Assim, “marcado por um andamento rápido demais para o sujeito, o acontecimento leva o sensível à incandescência e o inteligível à nulidade” (ZILBERBERG, 2011, p. 190).

Desse modo, a temporalidade só recupera a memória suspensa pelo acontecimento por meio de um contraprograma de freagem específico, desenvolvido pelo discurso, responsável por restaurar sua historicidade (ZILBERBERG, 2011, p. 189-190), ou seja, quando se transforma em exercício. É nesse sentido que, de acordo com Zilberberg (2007, p. 25-26), o exercício e o acontecimento se configuram como grandes orientações discursivas divididas em discurso do exercício e discurso do acontecimento. O primeiro é associado ao discurso histórico, que se interessa pela “minúcia dos exercícios e dos funcionamentos”. O segundo é associado ao discurso mítico, tendo em vista sua relação com a surpresa e com o que dela resulta.

## **A paixão em semiótica e o esquema passional da cólera**

Uma das preocupações da semiótica francesa é com o ser do sujeito, que ao longo das transformações “persiste e modula” seus estados de alma por meio da circulação dos objetos e dos valores considerados desejáveis ou temíveis, conforme a modalização neles investida, da intensidade do desejo de junção com o objeto-valor no percurso do fazer; e do crivo moral imposto pelo Destinador coletivo (BERTRAND, 2003, p. 360-372).

Em *Semiótica das paixões*, Greimas e Fontanille (1993, p. 9-21) inauguram o estudo sobre o percurso passional dos sujeitos, que pode se dispor em torno das transfor-

mações narrativas, mas também emana das estruturas discursivas, podendo projetar-se sobre os sujeitos, sobre os objetos, ou sobre sua junção. Por isso, essa obra possibilita sistematizar o percurso passional em uma cadeia modal de sequências específicas da crise passional, inscrita em uma coerência formal que entrelaça o percurso do fazer ao percurso do ser, conforme Bertrand (2003, p. 374).

Em *Du sens II*, Greimas (1983, p. 225-246) sistematiza algumas paixões, dentre elas a cólera e a vingança, estabelecendo um esquema canônico para a primeira. Posteriormente, Fontanille (2005, p. 61-79) o reformula, refletindo sobre a “cólera literária”. Considera-a uma paixão complexa que comporta avaliações positivas ou negativas, que a transformam em comportamento moral. Desenvolvendo, pois, o esquema passional primeiramente proposto por Greimas, Fontanille propõe a seguinte sequência:

Confiança → Espera → Frustração → Descontentamento → Agressividade → Explosão

Ao explicar cada uma das fases da sequência canônica da cólera acima ilustrada, Fontanille (2005, p. 63-79) observa que a confiança “é uma relação entre ao menos dois sujeitos e pode ser formulada como um ‘crer em’ alguém” (FONTANILLE, 2005, p. 64). Para ele, trata-se de um estado passional de crença em alguém no qual se estabelece um contrato fiduciário, explícito ou não, entre o sujeito patemizado e um destinatário, sendo o último aquele em quem a confiança é depositada. Dessa forma, a confiança pode, no mínimo, “afetar a representação de um estado ou de um acontecimento” que é modalizado por um dever-ser (FONTANILLE, 2005, p. 64).

A espera, segundo momento do esquema, diz respeito à “projeção temporal da relação entre o sujeito e esse estado ou esse acontecimento modalizado e a capacidade do sujeito de suportar a demora da realização” (FONTANILLE, 2005, p. 64). Como a espera “guarda a memória da confiança que a funda”, a junção eufórica depende da ação de outro sujeito (ou de outros sujeitos). Assim, o sujeito da espera não tem certeza se a junção desejada será realizada e vê essa espera desdobrada em um crer em alguma coisa (o estado esperado) e um crer naquele que deve realizar essa coisa qualquer (FONTANILLE, 2005, p. 64).

Segundo Fontanille (2005, p. 64), a frustração, por outro lado, “concerne à relação entre sujeito e objeto” e, “enquanto momento passional da sequência, reatualiza a promessa de conjunção anterior, e a falta apenas se prova, nesse caso, sobre o fundo da confiança e da espera irrealizadas”. Nessa fase, o sujeito da cólera prova a privação e seu corpo sensível é tomado pela decepção. No entanto, é também nesse momento que o querer do sujeito é reativado.

O descontentamento é a fase que trata da relação do sujeito para consigo mesmo. Decepcionado pela frustração, o sujeito confronta o que ele esperava com o que foi realizado e fica insatisfeito diante da “inadequação entre o si projetado e o eu atual” (FONTANILLE, 2005, p. 65). Esse descontentamento pode ser direcionado a qualquer um que esteja, de alguma forma, implicado nessa inadequação. Esse “qualquer outro” pode ser ele mesmo, mas exercendo um outro papel actancial com o qual ele “contava para a realização do acontecimento esperado” (FONTANILLE, 2005, p. 65).

A agressividade, por sua vez, será endereçada a esse outro sujeito, considerado, por exemplo, “o traidor”, enfim, “aquele que não honrou a promessa” ou se voltará aos objetos ou ao dispositivo que se revelaram menos confiáveis que se imaginava. Nessa

fase há a irrupção do antissujeito no campo de presença do sujeito que se prepara para a confrontação, e “sua eventual agitação manifesta a emergência de um poder-fazer” (FONTANILLE, 2005, p. 65).

A explosão, última fase da sequência, manifesta-se no momento em que “o sujeito, face a face consigo mesmo, resolve brutalmente as tensões acumuladas, sem nenhuma consideração pelos objetos perdidos, pelos antissujeitos incriminados, ou pelos danos causados” (FONTANILLE, 2005, p. 65).

Essa sequência, no entanto, nem sempre culmina na explosão da cólera. Por isso, Fontanille (2005, p. 74) traça um esquema do percurso da cólera que admite variantes não canônicas. Assim, nem todas as frustrações levam necessariamente a uma explosão da cólera e podem ser compensadas por contra estratégias de vingança, por exemplo. Nesse aspecto, o semiótico francês observa que a vingança pode comutar com a explosão agressiva final.

Como Greimas, Fontanille (2005, p. 78) considera que a principal característica da cólera é sua estrutura sequencial, composta de fases ordenadas. Adotando um ponto de vista tensivo, o autor esclarece que essa paixão é regida pela temporalidade do acontecimento, do programa narrativo, e das tensões apreendidas à altura da percepção humana. Essa paixão também opõe a relação entre a intensidade e a quantidade. Ademais, a cólera, ao se manifestar, propicia a violência, muitas vezes, engendrando o infortúnio e a destruição, já que é a reação à ruptura unilateral do contrato fiduciário (FONTANILLE, 2005, p. 74). Essa reação intensa e pontual também proporciona uma violência autorregulada, pois a pontualidade da explosão limita a quantidade e a duração de seus efeitos.

Quando, portanto, não há explosão da cólera, pode surgir a vingança, como explica Fontanille (2005, p. 66), uma variante da agressividade, cuja característica primeira é o reconhecimento do princípio de reciprocidade dos danos que se desenvolve por meio de um programa de retaliação contra o antissujeito. Presumida na reparação do dano causado, a vingança só pode ser medida em relação a esse dano, tendo em vista a quantidade, a temática e a duração (FONTANILLE, 2005, p. 66-71).

O semiótico ressalta também que a vingança, mesmo que pareça excessiva e desproporcional, não pode durar indefinidamente, pois comporta necessariamente limites quantitativos e temporais, que assinalam seu papel de compensação dos danos causados (FONTANILLE, 2005, p. 71).

A vingança acentua o caráter unilateral da ruptura da confiança, “desprezada/ridicularizada, mas intensamente sentida/lastimada/deplorada”. Nesse aspecto, assim como o ressentimento e o ódio, a vingança realça “a estrutura temporal e tensiva da cólera” (FONTANILLE, 2005, p. 74). Por esse motivo, independentemente da duração das etapas que a precedem, para o autor, “a última deve ser breve, intensa, decadente, quer ela se instale no tempo e permaneça átona, quer ela adote um perfil ascendente e progressivo” (FONTANILLE, 2005, p. 74), fazendo, em todos esses casos, com que se saia do campo passional da cólera no sentido estrito (FONTANILLE, 2005, p. 74).

Para Greimas (1983, p. 241), a vingança é um programa narrativo de compensação em que é conveniente para o sujeito (S1), que sofre, infligir o castigo, ou seja, a punição e a dor ao mesmo tempo ao outro sujeito (S2) para que ele sofra da mesma forma.

A vingança é, portanto, primeiramente “*um reequilíbrio dos sofrimentos* entre sujeitos antagonistas” (GREIMAS, 1983, p. 241, grifo do autor).

Nessa perspectiva, Greimas (1983, p. 244) conclui que na dimensão pragmática a vingança corresponde à sanção pragmática e, comportando uma atividade somática e gestual, define-se pelos efeitos passionais dessa atividade. Logo, deve ser entendida como “circulação de objetos ‘paixões’”. Ademais, o poder-fazer, convocado pela vingança, institui um destinador-julgador que transforma essa manifestação passional em justiça.

Por outro lado, a distância entre o sujeito e o destinador julgador, entre o querer-fazer e o poder-fazer, só pode ser suprida pela mediação do saber: saber sobre o sofrimento que o destinador inflige ao antissujeito e que o sujeito só prova graças ao saber sobre a punição do outro.

Por conseguinte, a intelectualização das dores e dos prazeres explica o desapaixonar da vingança, característico de sua socialização, ou seja, “conduz progressivamente à dessemantização da estrutura da vingança e a seu enfraquecimento” (GREIMAS, 1983, p. 244).

Já na sanção cognitiva, há o face a face entre sujeito e antissujeito, entre herói e traidor. Tal afrontamento pode ser considerado ao mesmo tempo como “a afirmação de si e a destruição do outro” (GREIMAS, 1983, p. 243-244).

Fontanille (2005, p. 71-76), por sua vez, afirma que a eficácia da vingança está condicionada à identificação completa com o dano, de tal modo que o antissujeito reconheça o vínculo e a equivalência entre o erro sofrido e o dano causado. É nesse sentido que o pesquisador considera a vingança cognitiva: “não somente o outro sujeito deve provar um dano equivalente àquele que causou, mas, reconhecer essa equivalência, e saber que se trata de uma medida de compensação; aquele que se vinga sem poder fazer saber é privado de uma parte de sua vingança” (FONTANILLE, 2005, p. 72).

Para concluir, o semioticista francês afirma que a vingança se distingue da cólera porque a vingança “implica um cálculo cognitivo, um cálculo das partes, uma avaliação das quantidades e da duração” (FONTANILLE, 2005, p. 76). Essa perspectiva é equivalente à conclusão de Greimas (1983, p. 245-246), que concebe a vingança como uma agressividade orientada por um programa de ação que reúne um conjunto de competências modais do sujeito na emergência do poder-fazer.

A seguir procederemos à análise do texto, procurando observar como ao acontecimento se sucedem as más paixões relacionadas ao esquema da cólera.

### **“O zelador”. Do acontecimento às más paixões**

No conto “O Zelador”, um homem solitário trabalha como zelador de vilas mal conservadas e inóspitas. Ele tem como objetivo alcançar uma promoção e assim passar a fazer parte de outra classe social: a Classe C. Ao descobrir que não fora promovido, recebe determinação para cuidar de uma vila nas mesmas condições daquelas de que sempre cuidou. Descontente com o fato, na saída do prédio da Zeladoria, ele conhece um cão, que passa a denominar Ego. No dia seguinte, o zelador e Ego partem juntos para a vila a ser cuidada. No decorrer da viagem, a cada obstáculo vencido, a relação de amizade entre os companheiros se fortalece até chegarem a uma amizade quase irredutível. Essa

amizade perdura até a terceira vila que visitam juntos. Lá, desaparece a carne que deveria alimentar o zelador durante um mês. O trabalhador, acreditando ter sido roubado pelo cão e concluindo que um novo pedido de carne o privaria novamente da almejada promoção à Classe C, executa o amigo como forma de manter a rigidez dos regulamentos que conheceu desde a infância.

É importante observar que o texto apresenta duas formas de relato. O primeiro é grafado em caracteres normais, e o enunciador narra no pretérito a história de amizade entre o zelador e o cão Ego, desde o momento em que se conhecem até chegarem à vila onde acontece o conflito e o desfecho da narrativa. O segundo relato, no tempo presente, descreve o estado de alma do zelador, desencadeado pelo inesperado roubo da carne. Grafado em itálico, inicia o texto e se insere em meio ao primeiro relato, encerrando também o conto.

Portanto, no texto, o zelador exerce o papel temático de trabalhador e pertence a uma classe social figurativizada no texto como Classe D. Ele segue com rigor as normatizações impostas pelo destinador social “Zeladoria”. Por isso, ao receber ordens do destinador para cuidar de uma vila afastada, o zelador, modalizado pelo dever-fazer, cumpre tais normas, mesmo a contragosto, como se observa no enunciado a seguir, “Tinha acabado de receber das mãos do Gerente Geral, a Ordem de Serviço”. “Não ousou reclamar de seus superiores” (BRAFF, 2006, p. 140). O zelador sempre seguiu os regulamentos da empresa sem questioná-los, conforme se revela nesta passagem do texto: “Como segredo inviolável, mantinha um certo desprezo pelos superiores da Zeladoria que o incumbiam de embelezamentos desnecessários nas vilas. [...] Jamais ousara fazer o menor comentário sobre o que pensava” (BRAFF, 2006, p. 152-153).

O não cumprimento das normas da empresa seria passível de punição ao trabalhador. Desse modo, ele segue passivamente os regulamentos impostos pela empresa, haja vista que “Qualquer atraso ou descontrole [...] era infração que não se admitia, por causa das consequências disciplinares e dos prejuízos físicos” (BRAFF, 2006, p. 150).

Ao mesmo tempo, no papel temático de cidadão – inserido em uma cultura, que normatiza os comportamentos, dividindo-os em aceitos e não aceitos – o zelador também segue as normas da coletividade. Assim ocorre ao frequentar um restaurante, acompanhado de Ego: “Entrou e sentou-se à primeira mesa que encontrou [...] com medo de ver entrando o cachorro [...] com medo de que pensassem que era seu. Os cachorros, em todo o país, estavam proibidos de entrar em restaurantes” (BRAFF, 2006, p. 142).

Essa preocupação do zelador com as normas se revela, pois, em suas atividades cotidianas. O zelador não as questiona ou reflete sobre a possibilidade de ser flexível em relação à aplicabilidade de tais regras, como quando o cachorro fica do lado de fora do refeitório, no frio ou quando estão sozinhos na vila – “São os impedimentos [...] Quase todos inexplicáveis, mas aceitos passivamente” (BRAFF, 2006, p. 145).

Tal submissão às normatizações do destinador revela no texto a recorrência da forma de vida da submissão assumida pelo zelador. A sua confiança na empresa é, pois, contratual e explicitada nos regulamentos corporativos e nos relatórios elogiosos relacionados a seu papel de trabalhador exemplar: “Foi citado diversas vezes em relatórios da empresa [...]” (BRAFF, 2006, p. 140).

Por sua vez, na vida pessoal, o zelador, um homem solitário, mantinha com o cão Ego uma relação contratual de confiança estabelecida por meio da afetividade de tal modo intensa que o sujeito o elegeu para acompanhá-lo na viagem que empreenderia à vila distante que deveria inspecionar.

Portanto, apesar da confiança depositada nos sujeitos com quem estabeleceu o contrato fiduciário, Ego e a Zeladoria, o zelador não tinha absoluta certeza de que a conjunção desejada com o objeto-valor promoção se realizaria, o que se torna perceptível nas passagens do texto a seguir: “Seu antecessor fora um velho funcionário da Zeladoria, que jamais conseguira passar da Classe D” (BRAFF, 2006, p. 141) e “Seu tempo de serviço na Zeladoria, segundo o regulamento, autorizava-o a nutrir tal aspiração” (BRAFF, 2006, p. 143).

Logo, embora desejasse a promoção, como sujeito cognitivo, tinha consciência de que seria difícil a consecução do objeto-valor. Assim, na última passagem citada, o lexema “autorizava”, no sentido de “dar direito a” ou “dar motivo a” (HOUAISS, 2009) evidencia que o tempo de serviço do zelador poderia ser um critério para a Zeladoria promovê-lo, mas não fator determinante para que isso ocorresse. Por isso, ele espera pela realização, pela conjunção com o objeto, contando com a ação do sujeito empregador, conforme continua a exercer suas atividades – “realizando cada tarefa com esmero, empenhando-se nos mínimos detalhes para merecer uma promoção” (BRAFF, 2006, p. 156).

Além disso, o zelador estabelece um contrato imaginário com Ego, na medida em que fica pressuposto que o cachorro, sendo companheiro e amigo, o auxiliaria, durante seu percurso à vila distante, a conquistar a promoção: “Nas viagens que juntos empreenderam, os dois se complementavam” (BRAFF, 2006, p. 157).

É interessante observar que a situação inicial do percurso passional da cólera por que é tomado o zelador desenvolve-se a partir de seu estado de relaxamento e de confiança no sujeito Ego, companheiro e amigo, como revela a passagem: “Permitir que o sono, abruptamente cortado naquela madrugada, aos poucos voltasse, entorpecendo-lhe os membros e apagando-lhe a vontade, isso já havia sido uma demonstração cabal de sua confiança em Ego” (BRAFF, 2006, p. 148).

Vale lembrar que a confiança, de acordo com Fontanille (2005, p. 64), é estabelecida na relação entre ao menos dois sujeitos e pressupõe um estado de crença em alguém. Desse modo, como observamos, o zelador acreditava que Ego poderia auxiliá-lo a entrar em conjunção com seu objeto-valor.

Entretanto, no instante em que ocorre o roubo da carne – “E era um vazio o que estava lá dentro” (BRAFF, 2006, p. 139) – temos o primeiro acontecimento que irrompe no texto, quando o zelador é tomado pela surpresa do sobrevir, “denegando *ex abrupto* as antecipações da razão” (ZILBERBERG, 2007, p. 18), pois não esperava se deparar com tal cena. Ele passa de um estado desacelerado, relaxado, anterior à visão da porta da geladeira aberta, para um estado de tensão e de espanto. Inicialmente, não consegue entender o que está acontecendo: “Num primeiro momento, pareceu-lhe um cérebro, aquele vão, porque não conseguia organizar uma única idéia” (BRAFF, 2006, p. 139).

O impacto da ruptura na rotina do sujeito é tão intenso que imediatamente ele sente o latejar de suas veias, como evidencia a passagem: “percebeu logo que não era a geladeira que latejava, com o sangue correndo desesperado” (BRAFF, 2006, p. 139). Nesse



instante seu corpo começa a manifestar a intensificação do sofrimento, concretizado pela figura “sangue correndo desesperado” em que também se evidencia o andamento e a tonicidade. Desvela-se, pois, a subtaneidade do choque sofrido pelo zelador ao se deparar com o roubo da carne. Nesse momento, o acontecimento absorve todo o agir do sujeito estupefato, deixando-lhe apenas o sofrer (ZILBERBERG, 2011, p. 171).

Ainda atordoado com o acontecimento inesperado, o zelador procura compreender a situação – “Apoiou na tampa da mesa as duas mãos abertas como patas, imaginando que era preciso entender o que acontecera” (BRAFF, 2006, p. 139). Tendo em vista a dependência do modo de existência em relação ao modo de eficiência, diante do sobrevir do acontecimento, revela-se a apreensão do sujeito que começa a refletir sobre o que lhe acontecera: “E imaginou. Uma imaginação, quando pega forte o pensamento, pode parecer mais verdadeira do que a verdade. Por isso não teve mais dúvidas: o culpado era seu companheiro Ego, o cachorro” (BRAFF, 2006, p. 139).

Em seguida, o zelador sente em seu corpo notações somáticas, figurativizadas como “suor azedo”, e “fome aguda” (BRAFF, 2006, p. 140), que revelam uma acentuação tônica da timia do sujeito.

O estado de estupefação do zelador frente ao roubo da carne é finito e breve e, conforme a carga tímica do zelador, afetado pelo inesperado, começa a enfraquecer, a intensidade do sofrer esmaece, e o tempo e o espaço voltam a existir para o sujeito. Nesse sentido, ele retorna à atitude temporariamente interrompida pelo acontecimento, ao perceber que o desejo de ser promovido não mais poderia ocorrer.

Desse modo, o percurso passional da cólera se desencadeia quando o zelador conclui que o responsável pelo desaparecimento da carne só poderia ser Ego. No entanto, como sujeito cognitivo, o zelador sabe que o roubo não fora premeditado – “O cachorro, sem auxílio de algum acaso, nada conseguiria [...] devia ter encontrado alguma facilidade” (BRAFF, 2006, p. 140). Essa constatação, todavia, não impede a instalação de uma tensão na narrativa, pois o zelador, ao antropomorfizar Ego, desconsidera que o cão seja um animal irracional, que age por instinto.

Assim, o estado de tumulto modal do zelador, que quer, mas sabe não mais poder entrar em conjunção com o objeto-valor promoção leva-o a se encolerizar: “O principal problema relacionado àquele roubo era sua promoção” (BRAFF, 2006, p. 143). O lexe-ma “problema”, definido como “situação difícil; conflito emocional” (HOUAISS, 2009) figurativiza a acentuação da carga tímica do sujeito e agrava o tumulto modal provocado pelo acontecimento inicial.

Dessa forma, diante do acontecimento, à proporção que o sobrevir é potencializado, resta ao zelador, admirado, apenas a lembrança do que acontecera. Nesse momento, sentindo-se frustrado, ele restabelece sua rotina e volta a agir, ao se dar conta de que o programa narrativo que ele esperava ser realizado pela empresa não se realizaria: “Com um pedido antecipado de alimento, ele sabia, adeus qualquer esperança de passar à Classe C” (BRAFF, 2006, p. 143). Assim, a falta fiduciária é, pois, instaurada “sobre o fundo da confiança e da espera irrealizadas” (FONTANILLE, 2005, p. 64).

Como revela a passagem a seguir, o zelador, perante o acontecimento, toma consciência de que não alcançaria a promoção há tanto tempo almejada: “As vilas onde trabalharia seriam do mesmo nível da atual, que não era diferente das anteriores. Muito

distantes, malcuidadas, em regiões inóspitas” (BRAFF, 2006, p. 143). Essa consciência eleva ainda mais a tensão e a frustração do zelador, agora certo de que não seria promovido, como sempre desejara.

Conforme o corpo sensível do zelador é tomado pela decepção, provocada pela frustração, surge o descontentamento, que ocorre, segundo Fontanille (2005, p. 65), quando o sujeito compara o estado inicial de espera e o estado final. Desse modo, instala-se na narrativa a discordância entre o direito e o fato, que constitui a concessão: o zelador, embora esperasse ser promovido, com o roubo da carne, sabia que continuaria trabalhando em vilas inóspitas e distantes. Portanto, passa a considerar o estado da espera insatisfatório: “O futuro era agora uma névoa só em que tinha engolfado sua vida” (BRAFF, 2006, p. 144).

Seu estado de descontentamento é então direcionado ao outro, o cão Ego, implicado na situação, um outro “si mesmo” com o qual ele contava para a realização da conjunção esperada (FONTANILLE, 2005, p. 65). Assim, o zelador revela-se em estado de frustração em relação ao sujeito, até então considerado amigo, e manifesta o seu descontentamento com Ego, o que se revela na mudança da imagem que tem do cão, como se depreende da passagem a seguir – “Onde andaria o ladrão?” (BRAFF, 2006, p. 144). Ao sancionar Ego de forma negativa, percebe-se que se acentua de forma mais intensa a carga tímica do sujeito patemizado pela decepção.

Por outro lado, o zelador também revela seu estado de descontentamento consigo mesmo. Na qualidade de destinador do cão, ao ser surpreendido pelo acontecimento, constata que deixara de ser zeloso, pois se descuidou e possibilitou o fazer do cão:

Ele sempre nutriu um orgulho que chegava a ser mórbido por ser zeloso com tudo. Foi citado diversas vezes em relatórios da empresa por essa razão: a causa de seu orgulho. Mas não existe um único ser perfeito [...] Também não era. Ao fechar a porta da geladeira, talvez não tivesse tido o cuidado suficiente. (BRAFF, 2006, p. 140)

Além disso, submisso aos regulamentos, deveria assumir que fora descuidado, tornando-se não merecedor da promoção desejada, apesar da dedicação ao trabalho empreendida:

[...] era forçoso, de acordo com os regulamentos, que registrasse o fato em seu próximo relatório. E não era pouco ter de confessar um descuido, para ele, que há anos, vinha realizando cada tarefa com esmero, empenhando-se nos mínimos detalhes para merecer uma promoção. (BRAFF, 2006, p. 156)

O estado deceptivo do zelador perante a certeza da perda do objeto-valor indicia que ele está chegando ao ápice da gradação tensiva que ocasiona a irrupção da fase de agressividade do sujeito. É quando se volta contra Ego, aquele que não honrara a promessa que existia apenas na sua imaginação: afinal, apesar de humanizado pelo zelador, que o elevara à condição de companheiro para poder suportar sua solidão, Ego era um animal irracional:

Então, levantou-se de si, sem uma idéia muito nítida; convencido, contudo de que fazia parte de suas obrigações uma *atitude violenta*. [...] Quase tropeçou no cabo da enxada [...]. Foi então que a idéia explodiu num clarão em sua cabeça. (BRAFF, 2006, p. 155-156, grifo nosso)

A isotopia da violência revela que o dispositivo da cólera atingiu o auge de sua gradação tensiva. Esta tem início na fase da confiança, com um mínimo de intensidade e uma fraca extensão, e chega a uma tensão máxima na fase da agressividade.

Após a agressividade, no entanto, a explosão da cólera não ocorre. Surge em seu lugar uma variante da agressividade, a vingança (FONTANILLE, 2005, p. 74). Isso se torna perceptível na isotopia temático-figurativa da ação premeditada, apreensível nas passagens acima cujas figuras “convencido”, “obrigações”, “atitude violenta”, “idéia” e “cabeça” concretizam a reflexão do sujeito sobre o dano sofrido, sobre a necessidade de reagir à ofensa sofrida, peculiar ao programa narrativo de vingança, estabelecido por Greimas (1983, p. 237-246).

Manifestação unilateral da ruptura de confiança, na fase da agressividade, irrompe o desejo de vingança no zelador, patemizado pelo intenso sofrer. Certo de que o fazer do cão deveria ser punido, tendo em vista o princípio de reciprocidade de danos, o sujeito é dotado de um poder-fazer emergente – “fazia parte de suas obrigações uma atitude violenta” (BRAFF, 2006, p. 155).

O zelador desenvolve, dessa forma, um programa de retaliação contra o antissujeito que lhe roubara a possibilidade de conjunção com o objeto-valor promoção. Isso ocorre porque à modalização pelo poder-fazer, na fase da agressividade, se relaciona um dever-fazer, mediante o fato de ter sido “educado na rigidez dos regulamentos” e, por isso, não conhecer “a tolerância, vício que aprendera a banir de sua vida desde criança” (BRAFF, 2006, p. 159).

Quando a ideia “explode em sua cabeça”, tem-se a intensificação da carga tímica do sujeito que queria a promoção, mas descobre que continuará disjunto do objeto. Assim, quando o zelador tropeça na enxada, decide matar o cão e percorre a rua à procura do antissujeito. Nesse momento, joga ao ombro “o cabo da enxada [...] como se retornasse à limpeza do pátio da escola” (BRAFF, 2006, p. 159). Logo encontra o cão, metaforicamente figurativizado na passagem a seguir como “mancha cor de banana madura, imensa e imóvel” (BRAFF, 2006, p. 159).

Os lexemas “limpeza” e “mancha” fazem parte da isotopia temático-figurativa da limpeza, atividade do zelador, que deveria cuidar da manutenção da vila, removendo a sujeira, a “mancha” do espaço físico do ambiente. Essa isotopia também se associa ao estado passional do zelador, que passa a responsabilizar o cão pela não obtenção do objeto. Dessa forma, o sujeito passional, assumindo o papel actancial de sujeito operador, visando à vingança, à reparação do dano causado pelo cão, realiza o fazer planejado e subtrai a vida do “traidor”: “O zelador tomou o cabo pela extremidade e, com o olho da enxada, amassou a cabeça entre as duas orelhas” (BRAFF, 2006, p. 160).

Do ponto de vista tensivo, o zelador tem a carga tímica gradativamente intensificada pelo plano de vingança. Sua decepção é intensa quando resolve procurar o cão para puni-lo – “Sua primeira idéia foi a de voltar para a frente da casa e percorrer a rua de uma ponta à outra” (BRAFF, 2006, p. 159). Esse estado deceptivo é recrudescido quando ele encontra o cão, que acabara de enterrar a carne roubada – “Lambia as patas dianteiras, o cão, provavelmente lavando-as depois do trabalho terminado” (BRAFF, 2006, p. 160). A morte do animal, que tem a cabeça amassada por uma enxada, configura tanto um novo acontecimento quanto o ponto máximo da acentuação tônica da carga tímica do sujeito.

Com a morte de Ego, o zelador revela-se um sujeito competente, que executa um programa narrativo de “afirmação de si e de destruição do outro” (GREIMAS, 1983, p. 246). Cognitivamente, o dano causado por Ego é diferente do dano por ele recebido, pois embora o cão tenha roubado a carne, foi punido com a morte. Por isso, a vingança empreendida pelo zelador não é completa. Isso se justifica, uma vez que para a vingança ser completa, ela precisa ser reconhecida pelo sujeito que causou o dano como equivalente ao dano causado, segundo Fontanille (2005, p. 72).

Ao mesmo tempo, se levarmos em conta que, para Greimas (1983), a estrutura da vingança pressupõe o sofrimento impingido ao ofensor, esse sofrimento não pode ser determinado, já que, embora humanizado pelo zelador, o cão age instintivamente e não entende o significado de uma vingança, fazer humano. Além disso, Ego é golpeado de forma inesperada pelo zelador: “Não precisou virar a cabeça para ver quem se aproximava, pois era um passo que já conhecia desde sua infância. Então sacudiu a cauda feliz” (BRAFF, 2006, p. 160). Nesse sentido, essa vingança corresponde a uma justiça selvagem, que, segundo Lombardo (2005, p. 279), é livre de culpa ou de sanção social negativa.

Após a morte de Ego, as tensões desaceleram: “o mundo foi encoberto por um lençol de silêncio” (BRAFF, 2006, p. 160) – e chegam ao enfraquecimento mínimo, como revela a passagem: “Aproveitando a terra fofa da cova recém-fechada, o zelador enterrou o cão por cima de sua comida” (BRAFF, 2006, p. 160). O lexema “enterrou” concretiza o aspecto temporal terminativo da vingança.

Enfim, com o enfraquecimento da intensidade da carga tímica do zelador, ele já não manifesta qualquer estado de alma, o que evidencia a desumanização do sujeito, suscitada pela forma de vida da submissão.

Desse modo, percebe-se que inicialmente o zelador é modulado pelo não poder-ser tolerante em relação ao descumprimento das regras: “Educado na rigidez dos regulamentos, o zelador não conhecia a tolerância, vício que aprendera a banir desde criança” (BRAFF, 2006, p. 159). No entanto, posteriormente, ele passa a ser intolerante à desobediência. A sentença do cão à morte se dá não somente porque o zelador entende que Ego burlara as normas sociais que condenam tanto o roubo quanto a presença de animais em lugares fechados – “Ego [...] pertencia ao lado de fora” (BRAFF, 2006, p. 140). O zelador condena o animal também pelo mal causado a ele com a transgressão, que o impossibilitou de alcançar a ascensão de classe social.

### **“O zelador”: a submissão como forma de vida e o diálogo do enunciador com o discurso freudiano**

A execução de Ego operada pelo zelador, no desenlace da história, é um acontecimento que manifesta a desumanização do ator, o qual abdica da amizade ao cão, construída ao longo de seu percurso. Tal amizade era o único traço de humanidade revelado pelo sujeito que, solitário pelas vilas por onde andava, havia se esquecido até dos sons da linguagem humana: “Na segunda vila em que estiveram juntos, um dia de inverno, o zelador percebeu que não se lembrava mais dos sons produzidos pela garganta humana. Não que isso lhe fosse muito necessário [...]” (BRAFF, 2006, p. 156).

O antropônimo que dá nome ao cão – Ego – leva-nos a observar o diálogo que o enunciador estabelece no texto com o discurso freudiano, que pode ser relacionado com o

comportamento submisso do zelador, com a desumanização do ator e com a manifestação passional da vingança contra o cão.

É importante lembrar que, segundo Freud (1980, p. 23-83), o inconsciente é composto pelas instâncias psíquicas id, ego e superego. O id desempenha o papel do instinto, em que predomina o princípio do prazer. O ego é a parte do id que, por influência direta do mundo externo, foi modificada e, a fim de substituir o princípio do prazer, que no id impera, pelo princípio de realidade, procura aplicar essa influência do mundo externo. O superego se inscreve no papel da moralidade, que impõe a proibição ao ego. À medida que “sucumbe à repressão das coerções sociais (sob a influência do pai, da autoridade, do ensino religioso, da educação escolar, da leitura)”, o superego domina o ego para que aja de acordo com a moral social.

Conforme Garcia-Roza (2001, p. 211), “O ego [...] não é o lugar da verdade do sujeito, mas imagem que o sujeito faz de si mesmo”. Nesse sentido, é importante lembrar que o zelador conhece Ego no dia em que recebe a Ordem de Serviço e descobre que não foi promovido em razão de sua pouca idade. Por isso, imediatamente identifica-se com o animal – “Na sua espécie, pensou, é tão jovem quanto eu na minha” (BRAFF, 2006, p. 141). Desse modo, para o zelador, ele e Ego são iguais.

Assim, observa-se que o zelador projeta sua imagem na figura de Ego, uma vez que para ele, fisicamente, ambos apresentam características semelhantes. Essa projeção especular também está presente nas relações entre os companheiros, como se nota nas passagens a seguir: “O zelador nunca soube direito quem conduzia e quem era conduzido” (BRAFF, 2006, p. 142) e “Nas diversas viagens que juntos empreenderam, os dois se complementavam” (BRAFF, 2006, p. 157).

Mediante o inesperado roubo da carne, estabelece-se uma ruptura do contrato imaginário de confiança entre o zelador e o cão: “Nenhum dos episódios que foi tecendo, ao longo do tempo, a mútua confiança pôde naquele momento valer ao cão” (BRAFF, 2006, p. 159). Portanto, o zelador, que se via projetado em Ego – inicialmente considerado companheiro e amigo –, no auge da amplificação tensiva da manifestação passional, passa a vê-lo como ladrão, pois crê que Ego descumpriu as exigências da moral social. Em outras palavras, considerando a perspectiva freudiana, ego não atendeu aos apelos do superego. Logo, a rigidez do sujeito em relação a Ego e à imagem do que deveria ser (o ideal do ego) é intensificada.

Se considerarmos, por outro lado, que, segundo Laplanche e Pontalis (1988, p. 171) “o ego está numa relação de dependência quanto às reivindicações do id, bem como quanto aos imperativos do superego e às exigências da realidade [...]”, podemos inferir que o zelador, ao assumir a submissão como forma de vida, não consegue ser tolerante à infração às regras. Dessa forma, a autonomia relativa do ego, no que se refere à totalidade do sujeito, é superada pelo superego, que reclama uma sanção negativa como punição ao desrespeito à moral social da forma de vida do submisso.

O zelador, ao não considerar que o cão age por instinto, coloca, pois, a moralidade acima do princípio do prazer, relacionado ao id, e do princípio da realidade, que compete ao ego. Assim, é modalizado pelo dever-fazer, intrínseco ao superego, o que se corrobora com a seguinte reflexão freudiana:

Do ponto de vista do controle instintual, da moralidade, pode-se dizer do id que ele é totalmente amoral; do ego, que se esforça por ser moral, e do superego que pode ser su-

permoral e tornar-se então tão cruel quanto somente o id pode ser. É notável que quanto mais um homem controla a sua agressividade para com o exterior, mais severo – isto é, agressivo – ele se torna em seu ideal do ego. (FREUD, 1980, p. 70-71)

Por esse motivo, quando o superego do zelador dirige sua vingança contra o ego, é com “violência impiedosa”, levando-o à sua anulação, figurativizada no texto pela morte do cão. Desse modo, o zelador sobrepõe a moralidade imposta pelo destinador social, a Zeladoria, que sobre ele exerce controle, à afetividade que o ligava a Ego.

Portanto, a submissão aos regulamentos, como forma de vida do zelador, é que o leva a ceifar a vida do cão e a tornar-se violento contra o outrora amigo. Desse modo, o zelador assume a violência contra o Outro, figurativizada pela execução de Ego, uma vez que o fazer do cão o leva à privação de valores aos quais acreditava ter direito.

O final inesperado da relação de amizade do zelador para com Ego demonstra a ironia do enunciador frente à desumanização do ator-protagonista, na medida em que o sujeito, desprovido de individualidade, reconhecido por seu papel temático, menospreza a amizade ao cão, ao se sentir frustrado na sua ambição de atingir a tão esperada promoção social. Nesse sentido, a cólera e a vingança induzem o zelador ao acontecimento inesperado, a morte de Ego, revelando que ele sobrepõe as aspirações sociais às relações afetivas e a moral social estereotipada à moral individual.

## REFERÊNCIAS

- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.
- BRAFF, M. *A coleira no pescoço: contos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- DITCHE, E. R.; FONTANILLE, J.; LOMBARDO, P. *Dictionnaire des passions littéraires*. França: Belin, 2005.
- FONTANILLE, J. Les formes de vie. *Recherches sémiotiques. Semiotic Inquiry*, Montreal, v. 13, p. 5-12, 1993.
- \_\_\_\_\_. Colère. In: DITCHE, E. R.; FONTANILLE, J.; LOMBARDO, P. *Dictionnaire des passions littéraires*. França: Belin, 2005.
- FREUD, S. (1923-1925). *O ego e o id*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Edição Standard Brasileira das Obras Completas, v. 19).
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Cahar Editor, 2001.
- GREIMAS, A. J. *Du Sens II – Essais sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- \_\_\_\_\_. Le beau geste. *Recherches sémiotiques. Semiotic Inquiry*, Montreal, v. 13, p. 21-35, 1993.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*. Dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ZILBERBERG, C. Louvando o acontecimento. Tradução de Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz. *Revista Galáxia*. São Paulo, n. 13, p. 12-28, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de Ivan Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.